

# DIFERENÇAS DE GÊNERO E PRÁTICAS SEXISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM REVISTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA DE 2000 A 2008

VANESSA GERTRUDES FRANCISCHI  
USFC – Florianópolis-SC-Brasil  
vanessafrancischi@yahoo.com.br  
MARIA DO CARMO SARAIVA<sup>1</sup>  
UFSC – Florianópolis-SC-Brasil  
marcarmo@terra.com.br

## Introdução

Nas últimas décadas as questões de gênero têm assumido papel importante na pesquisa acadêmica, o que caracteriza a importância de estudos voltados para essa temática no contexto escolar.

A Educação Física (EF) abarca estudos que discutem a importância das relações de gênero na escola, neste sentido, o objetivo do presente estudo foi verificar a produção em publicações científicas da área da EF, que tratam da diferenças de gênero e práticas sexistas nas aulas de EF na escola, e também as que tratam da busca de possibilidades de mudanças pelas aulas co-educativas ou mistas, entre os anos 2000 a 2008. Com base neste objetivo principal, surgiram outras questões específicas: identificar e analisar os elementos teóricos e metodológicos que constituem os artigos encontrados; refletir sobre as questões de gênero abordadas ou não; e verificar as características e perfil epistemológico dos artigos.

Neste sentido, a pesquisa também tem a possibilidade de informar à área aspectos ainda não sistematizados nas pesquisas de gênero na escola.

### **Metodologia:**

A pesquisa caracterizou-se como exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, que entre outras possibilidades nomeadas por Thomas & Nelson (2002) permite estabelecer o status de certas práticas e áreas de interesse. As fontes de informações foram impressas e/ou *on-line*, e constituem publicações científicas que nos permitem seguir a evolução dos fenômenos e das situações no tempo (Laville & Dionne, 1999).

Sendo assim, previamente realizou-se um levantamento na plataforma Qualis/Capes de todos os periódicos de circulação nacional e internacional, de categorias A, B e C<sup>2</sup>, válidos para a área da educação física; após, fez-se a seleção das revistas que da área da educação física. Em seguida, realizou-se um levantamento das edições acessíveis e dos artigos sobre gênero nas revistas selecionadas.

Alguns critérios foram levados em consideração para a seleção dos periódicos, como o de pesquisar, preferencialmente, as revistas científicas que possuem seu conteúdo *on-line*. Todavia, optou-se, também, por revistas de conteúdo impresso que tinham significativa abrangência e que estavam acessíveis ao grupo de pesquisa.

A organização da documentação foi feita à medida dos progressos da coleta, com a descrição do material em lista cronológica, separação dos resumos, com as anotações sobre a natureza e a fonte de cada um. Em seguida, empreendeu-se a análise de conteúdo, desvelando a estrutura e os elementos desse conteúdo.

Para análise dos artigos foram levados em consideração alguns procedimentos, começando-se com a leitura dos resumos que continham termos como gênero, co-educação e educação física, gênero na escola, diferenças, igualdades, etc. Após foram selecionados os

---

<sup>1</sup> Orientadora. Profa. Dra. Programa Pós-graduação CDS/UFSC.

<sup>2</sup> Esse levantamento foi anterior à mudança de critérios do Qualis/Capes que aconteceu em Abril de 2008.

resumos que relacionavam gênero com a prática da Educação Física na escola. Porém, muitas vezes esses resumos não eram esclarecedores, assim os artigos foram lidos todos na íntegra.

Do montante de 14 periódicos foram encontrados 22 artigos que tratam das diferenças de gênero e práticas sexistas no âmbito da educação física na escola, conforme pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1: Revistas pesquisadas e total de artigos analisados em cada revista.

| Revistas analisadas                                   | Número de artigos encontrados relacionados com o tema |
|---|---|
| Arquivos em Movimento                                 | 1   |
| Ciência e Movimento                                   | 0   |
| Esporte e Sociedade                                   | 0   |
| JOPEF   | 0   |
| Mackenzie   | 0   |
| Motrivivência   | 6   |
| Motriz  | 5   |
| Movimento   | 7   |
| Movimento e Percepção                                 | 0   |
| Pensar a Prática                                      | 1   |
| RBCE  | 2   |
| Revista Brasileira de EF e Esportes                   | 0   |
| Revista da EF da UEM                                  | 0   |
| Revista de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano | 0   |
| <b>Total de artigos analisados</b>                    | <b>22</b>   |

### **Análise e resultados:**

Ao analisar as pesquisas cujos objetivos se voltavam para a verificação de diferenças de gênero e de práticas sexistas nas aulas de EF na escola, observou-se que a maioria dos autores e autoras citadas nas referências estão ligados a projetos teóricos fundamentados com intenções pedagógicas que buscam estabelecer o diálogo<sup>3</sup> entre o aluno, a escola, o professor, a sociedade e o mundo. Através da argumentação, estes autores e autoras fundamentam e orientam sua prática estimulando a auto-reflexão e o diálogo, propondo assim novas formas de pensar uma educação física mais democrática e emancipatória.

Em relação aos pesquisadores e pesquisadoras que utilizam esse referencial nos seus textos, verifica-se que, embora as idéias possuam uma dimensão científico-educacional<sup>4</sup> que busca superar a simples execução das atividades na EF, as pesquisas abarcam com denuncia e sugestão de mudanças, mas não dão conta de efetivas propostas e experiências de campo que possam dar impulso às mudanças concretas nas relações de gênero no campo escolar. Ou seja, as mudanças e transformações ficam apenas no papel.

Como se pode perceber, as autoras de referencia mais citadas nessas pesquisas, como Guacira Lopes Louro<sup>5</sup>, Maria do Carmo Saraiva<sup>6</sup>, Joan Scott<sup>7</sup>, Elaine Romero<sup>8</sup> são, em geral,

<sup>3</sup> “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo” (FREIRE, 1987, p. 78).

<sup>4</sup> Essa dimensão foi evidenciada no diálogo estabelecido com o referencial teórico utilizado pelos/as autores/as.

<sup>5</sup> Guacira Lopes Louro é doutora em Educação e pesquisadora eminente do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem uma expressiva produção sobre gênero, influenciando fortemente essas referências na área da Educação Física.

<sup>6</sup> Maria do Carmo Saraiva é coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Dança (GEDA), do CDS/UFSC e autora do livro *Co-educação Física e Esportes: quando a diferença é mito*.

<sup>7</sup> Joan Scott, especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França; professora de Ciências Sociais no Instituto para Estudos Avançados de Princeton, Estados Unidos.

citadas e não discutidas; os conceitos e questionamentos apresentados por elas são, em sua maioria, apropriados pelos autores dos textos sem análise e crítica, na qual se perde a oportunidade de dialogar e construir novas informações e conceitos para a área.

Observou-se também que Maria do Carmo Saraiva e Elaine Romero, além de serem referências constantes nos estudos, são também autoras de artigos. SARAIVA com um texto intitulado “Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer” que discute sobre a (des)construção de estereótipos (como a masculinização do esporte e feminilização das atividades ritmo-expressivas) nas práticas corporais. Outro ponto ressaltado neste artigo, sugere também que assuntos que deveriam fazer parte da educação física na escola são deixados de lado, tais como: homossexualidade, multiculturalidade e igualdade entre todos e todas.

A autora Elaine Romero, tem autoria de dois textos, um deles foi uma pesquisa de campo que aborda os estereótipos, as diferenças sexuais e os tratamentos diferenciados dos responsáveis, para com meninas e meninos nas salas de aula; o outro texto tratou das relações de gênero no esporte-educação e esporte-performance, alertando para temas como construção de estereótipos, papéis sexuais e representações sociais.

Somado a isso, mais da metade dos artigos que citam SARAIVA, utilizam apenas o conceito de co-educação elaborado pela autora, sem discutir os aspectos contextuais que permitem a elaboração desse significado. Ainda sobre a co-educação, esta aparece no título de cinco artigos, são estes: “Aulas co-educativas, o que mudou no ensino da educação Física” (faz uma análise sobre a percepção dos professores e professoras em relação as aulas co-educativas), “O futebol na escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória” (sugere a aula co-educativa e o desenvolvimento do futebol a partir da concepção crítico-emancipatória), “A educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença” (discute a co-educação no espaço escolar), “Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes” (através de temas como: estereótipos, masculinidades e feminilidades fala das representações de alunos e alunas sobre a separação ou não por sexo nas aulas), e “Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de educação física” (discute a interferência da cultura escolar nas aulas co-educativas).

Além desses estudos citados anteriormente, mais cinco pesquisas discutem a co-educação, mesmo não sendo o enfoque desses estudos. O texto “Educação, lazer e relações de gênero” fala sobre relações de gênero e lazer na escola, sugere a co-educação para dar conta de assuntos como papéis sociais e construção de estereótipos. Já Deborah Thomé Sayão com o texto: “Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer” discute temas como representações de feminilidades, masculinidades e identidades de gênero, para além da co-educação; assim como a pesquisa “Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física” que questiona as aulas mistas e separadas por sexo, buscando novas formas que tratem de temas como: construção de identidades e estereótipos, de organização dos alunos e alunas nas aulas além da divisão por sexo, sugere a co-educação para superação da dicotomia das aulas mistas ou separadas.

A discussão sobre as aulas mistas e ou separadas por sexo também são temas frequentes nas pesquisas estudadas, os textos “ Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física” e “Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física escolar” abordam a questão e tratam de estereótipos, identidades e co-educação.

---

<sup>8</sup> Elaine Romero é professora colaboradora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo sido uma das pioneiras a investigar questões relativas ao Gênero na Educação Física, em sua tese de doutorado, que abordava os *Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física*, defendida em 1990. FIEP BULLETIN - Volume 81 - Special Edition - ARTICLE I - 2011 (<http://www.fiepbulletin.net>)

O futebol foi tema de dois estudos: “A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental” e “O futebol nas aulas de educação física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades de gênero” ambos analisam o esporte como sendo predominantemente um espaço masculino, mas com possibilidades de se tornar um palco para estabelecer oportunidades iguais de acesso para todos e todas nas aulas.

Foi relacionado também um artigo que trata do “*Bullying* nas aulas de educação física”, fenômeno pouco estudado ainda, mas que trata da discriminação sofrida pelas pessoas, manifestada por apelidos pejorativos ou até mesmo a exclusão, seja ela pelas diferenças de gênero, de etnia, de habilidades motoras, etc. O preconceito gera a agressão física ou verbal por parte das pessoas que estão envolvidas com estereótipos culturais.

A corporeidade infantil foi estudada em “Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos” pesquisa que refletiu sobre os padrões tradicionais de relações entre discentes nas atividades recreativas escolares.

As temáticas mais apontadas e analisadas dizem respeito à construção de identidades e estereótipos nas aulas de educação física, que já foram anteriormente citadas em alguns artigos e aparecem também nos seguintes estudos: “A construção de identidades de gênero na infância: articulando para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil”, “Gênero e Educação Física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos”, “A construção de gênero no espaço escolar”, “Análise etnográfica das relações gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca de significados”, e “ Cultura corporal das meninas: análise sob a perspectiva de gênero”.

Pode-se observar que mais de 60% dos trabalhos utilizam as idéias de LOURO, que apontam para a distinção biológica e sexual, como vieses para a compreensão e justificativa da desigualdade social (LOURO, 1997). Dessa forma, é bastante significativa nessas análises, mesmo que não aprofundadas, a base de pensamento e referencial teórico em autores, filósofos, sociólogos e antropólogos que viveram e produziram na tensão entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo<sup>9</sup>. Entre eles, Michel Foucault, que estudou o poder e o sujeito, numa perspectiva de eliminação deste nas estratégias, táticas e rupturas que as relações entre ambos engendram; e Pierre Bourdieu, que estudou os mecanismos de reprodução social que legitimam as diversas formas de dominação. É preciso entender-se, todavia, que esses autores passaram por ambas as fases da história do pensamento ocidental<sup>10</sup>. Outra referência teórica de fundo percebida, foi o antropólogo Clifford Geertz, pesquisador que afirma que a cultura é um complexo de padrões para governar o comportamento, a teia de significados que o próprio ser humano tece e a sua análise.

Percebe-se também que mais de 50% dos artigos utilizam o conceito de gênero formulado por Joan Scott, que, no entanto, o utiliza com restrições, realizando uma longa discussão sobre a viabilidade dessa categoria como uma “categoria útil para a análise histórica”. Segundo a autora

---

<sup>9</sup> No pós-guerra, o Estruturalismo cumpriu um papel unificador no pensamento francês, como opção metodológica que perpassou todo o campo das Ciências Sociais, assumindo “a análise estrutural” e privilegiando sistemas e processos em detrimento de agentes sociais. Segundo Dosse, (2007) à época, “pode-se qualificar a atitude estruturalista de “filosofia da desconfiança”: é uma atitude dos intelectuais que estabelecem o objetivo de desmistificar as opiniões comuns, de recusar o sentido aparente, desestabilizá-lo e procurar por detrás do discurso a expressão da má fé” (p. 13). A partir dos anos setenta dá-se uma desconstrução progressiva do estruturalismo, até os nossos dias: o tema da historicidade passa a ocupar o lugar que antes era da estrutura; há uma reorientação para o estudo da consciência problematizada; o inconsciente deixa de ser um ponto de partida para transformar-se em um ponto de chegada e “a mudança consiste, então, na preservação de fenômenos, ações e tudo o que parece significativo para explicar a consciência dos atores” (ibid.. p. 17). Dessa forma, da centralidade da estrutura a análise transita para o sujeito atuando na sua contemporaneidade.

<sup>10</sup> Para compreender o estruturalismo e sua desconstrução, ver *História do Estruturalismo*, Vol. I e II, de François Dosse, 2007.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1990, p.14).

O que não se encontra, nessa produção analisada, é uma discussão que aprofunde os pressupostos que sustentam a teoria que, nesse caso, para além de estabelecer um conceito, destaca os aspectos relacionais por suas implicações específicas nas relações de poder da sociedade, nas atribuições normativas de masculinidade e feminilidade, especialmente, no paradoxo de se encontrar uma variabilidade no fenômeno que tem como base uma desigualdade fixa (biológica).

Percebe-se, então que, embora o conceito tenha sido elaborado há algum tempo, os artigos que o citam são recentes e escritos entre os anos de 2000 a 2007, o que nos faz pensar que o conceito continua atual e em processo vivo de reflexão.

### **Considerações Finais**

A partir do reconhecimento dos problemas apresentados pelas pesquisas e da resistência por parte da sociedade às mudanças sociais que possam fragilizar comportamentos historicamente assumidos entende-se a necessidade, cada vez mais premente, de avançar na pesquisa científica que possa, além de caminhar no sentido da construção de novas teorias e oferecer novas possibilidades de análise, subsidiar intervenções que venham modificar as práticas pedagógicas da educação física escolar e promover o respeito às diferenças e a equidade social.

### **Referências:**

- CARDOSO, Ana Lucia. O futebol da escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória. *Motrivivência*, ano XIII, n.18, p. 93-101, Março/2002.
- CEMBRANEL, Claudete. Aulas co-educativas: o que mudou no ensino da Educação Física. *Motrivivência*, ano XI, n.14, Maio/2000.
- COSTA, Maria Regina Ferreira; SILVA, Rogério Goulart. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? *Revista Brasileira Ciência do Esporte*. Vol. 23, n.2, Jan. 2002.
- DEVENS, Brenda Rafaela. *O Brincar na perspectiva do gênero e suas implicações nas práticas corporais das aulas de Educação Física escolar*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- DOSSE, François. História do Estruturalismo. O campo do Signo, Volume I. Bauru/SP: EDUSC, 2007.
- DUARTE, Cátia Pereira, MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. *Revista Movimento*, vol. 13, n. 1, jan/abr 2007.
- FEITOSA Julia Gonçalves; ROMERO, Elaine. A expressão do corpo pela conduta motora oral: uma questão de gênero. *Arquivos em Movimento*, v1, n.2, p. 5-18, julho/dezembro, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física escolar. *Revista Movimento*, vol. 14, n. 2, 2008.
- JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. *Revista Movimento*, vol. 12, n. 3, set/dez 2006.
- JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. *Revista Motriz*, v. 8 n.1, pp.1-9, Jan-Abr 2002.

JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de educação física. *Revista Motriz*, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Adaptada por Lana Mara Siman. Porto Alegre: Artmed/Editora UFMG, 1999.

LEIRO, Augusto Cezar Rios. Educação, Lazer e Relações de Gênero: talhes e doxas. *Motrivivência*, ano XIII, n.19, p. 53-68, Dez/2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOUZADA, Mauro; VOTRE, Sebastião Josué; DEVIDE, Fabiano Pries. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v. 28, n.2, Jan.2007.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves. Gênero e Educação Física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos. *Motrivivência*, n. 19, p. 69-76, dez/2002.

MARQUES, Alan da Silva; DAOLIO, Jocimar. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. *Revista Movimento*, vol. 13, n. 1, jan/abr2007.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. *Revista Movimento*, vol.12, n 2 Mai/Ago 2006.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. O futebol nas aulas de educação física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. *Revista Motriz*, v.12 n.3 p.301-306, set./dez. 2006.

PEREIRA, Sissi Aparecida Martins; MOURÃO, Ludmila. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. *Revista Motriz*, v.11 n.3, p.205-210, set./dez. 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 15, n. 2, pp. 5-22, jul./dez.,1990.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? *Motrivivência*, n. 19, p. 79-85, dez/2002.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidades e papéis de Gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. *Pensar a Prática*, vol. 5, jul./jun. 2001-2002.

SAYÃO, Deborah Thomé. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? *Motrivivência*, n. 19, p. 87-95, dez/2002.

TEIXEIRA, André Gustavo Alves; MYOTIN, Emmi. Cultura corporal das meninas: análise sob a perspectiva de gênero. *Revista Motriz*, v. 7, n. 1, p. 45-48, jan-jun 2001.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. 3ª ed. Trad. Ricardo Petersen [ et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VERBENA, Eliete do Carmo Garcia; ROMERO, Elaine. As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. *Revista Movimento*, vol. 09, n. 2, maio/agosto de 2003.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. A construção do gênero no espaço escolar. *Revista Movimento*, vol 12, n 1, jan/abr 2006.

Dados da 1ª autora:

Vanessa Gertrudes Francischi

Endereço: Rua Osvaldo Correia de Andrade, 19 apto 105, Bairro Nossa Senhora do Rosário, São José-SC. Brasil.

Telefone: (48) 30470506 (48) 9166 3290

Email: vanessafrancischi@yahoo.com.br